

DOMINGO IX DO TEMPO COMUM

CIC 345-349, 582, 2168-2173: o Dia do Senhor

- 345** *O Sábado – fim da obra dos «seis dias».* O texto sagrado diz que «Deus concluiu, no sétimo dia, a obra que fizera» e que assim «se completaram o céu e a terra»; e no sétimo dia Deus «descansou» e santificou e abençoou este dia (*Gn 2, 1-3*). Estas palavras inspiradas são ricas de salutares ensinamentos:
- 346** Na criação, Deus estabeleceu uma base e leis que permanecem estáveis¹, sobre as quais o crente pode apoiar-se com confiança, e que serão para ele sinal e garantia da fidelidade inquebrantável da Aliança divina². Por seu lado, o homem deve manter-se fiel a esta base e respeitar as leis que o Criador nela inscreveu.
- 347** A criação foi feita em vista do Sábado e, portanto, do culto e da adoração de Deus. O culto está inscrito na ordem da criação³. «*Operi Dei nihil preponatur* – Nada se anteponha à obra de Deus (ao culto divino)» – diz a Regra de São Bento⁴, indicando assim a justa ordem das preocupações humanas.
- 348** O Sábado está no coração da Lei de Israel. Guardar os Mandamentos é corresponder à sabedoria e vontade de Deus, expressas na sua obra da criação.
- 349** *O oitavo dia.* Mas para nós, um dia novo surgiu: o dia da Ressurreição de Cristo. O sétimo dia acaba a primeira criação. O oitavo dia começa a nova criação. A obra da criação culmina, assim, na obra maior da Redenção. A primeira criação encontrou o seu sentido e cume na nova criação em Cristo, cujo esplendor ultrapassa o da primeira⁵.
- 582** Indo mais longe, Jesus cumpriu a lei sobre a pureza dos alimentos, tão importante na vida quotidiana judaica, explicando o seu sentido «pedagógico»⁶ por uma interpretação divina: «Não há nada fora do homem que, ao entrar nele, o possa tornar impuro [...] – e assim declarava puros todos os alimentos – [...]. O que sai do homem é que o torna impuro. Pois, do interior do coração dos homens é que saem os pensamentos perversos» (*Mc 7, 18-21*). Proporcionando, com autoridade divina, a interpretação definitiva da Lei, Jesus colocou-se numa situação de confronto com certos doutores da Lei, que não aceitavam a sua interpretação, muito embora garantida pelos sinais divinos que a acompanhavam⁷. Isto vale sobretudo para a questão do sábado: Jesus lembra, e muitas

¹ Cf. *Heb 4, 3-4*.

² Cf. *Jr 31, 35-37; 33, 19-26*.

³ Cf. *Gn 1, 14*.

⁴ SÃO BENTO, *Regula*, 43, 3: CSEL 75, 106 (PL 66, 675).

⁵ Cf. *Vigília Pascal, oração depois da primeira leitura: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 276 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 304].

⁶ Cf. *Gl 3, 24*.

⁷ Cf. *Jo 5, 36; 10, 25.37-38; 12, 37*.

vezes com argumentos rabínicos⁸, que o repouso sabático não é violado pelo serviço de Deus⁹ ou do próximo¹⁰, que as suas curas realizam.

2168 O terceiro mandamento do Decálogo refere-se à santificação do sábado: «O sétimo dia é um sábado; um descanso completo consagrado ao Senhor» (*Ex* 31, 15).

2169 A Escritura faz, a este propósito, *memória da criação*: «Porque em seis dias o Senhor fez o céu e a terra, o mar e tudo o que nele se encontra, mas ao sétimo dia descansou. Eis porque o Senhor abençoou o dia do sábado e o santificou» (*Ex* 20, 11).

2170 A Escritura vê também, no dia do Senhor, o *memorial da libertação de Israel* da escravidão do Egito: «Recorda-te de que foste escravo no país do Egito, de onde o Senhor, teu Deus, te fez sair com mão forte e braço poderoso. É por isso que o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado» (*Dt* 5, 15).

2171 Deus confiou a Israel o sábado, para ele o guardar em *sinal da Aliança* inviolável¹¹. O sábado é para o Senhor, santamente reservado ao louvor de Deus, da sua obra criadora e das suas acções salvíficas a favor de Israel.

2172 O agir de Deus é o modelo do agir humano. Se Deus «descansou» no sétimo dia (*Ex* 31, 17), o homem deve também «descansar» e deixar que os outros, sobretudo os pobres, «tomem fôlego»¹². O sábado faz cessar os trabalhos quotidianos e concede uma folga. É um dia de protesto contra as servidões do trabalho e o culto do dinheiro¹³.

2173 O Evangelho relata numerosos incidentes em que Jesus é acusado de violar a lei do sábado. Mas Jesus nunca viola a santidade deste dia¹⁴. É com autoridade que Ele dá a sua interpretação autêntica desta lei: «O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado» (*Mc* 2, 27). Cheio de compaixão, Cristo autoriza-Se, em dia de sábado, a fazer o bem em vez do mal, a salvar uma vida antes que perdê-la¹⁵. O sábado é o dia do Senhor das misericórdias e da honra de Deus¹⁶. «O Filho do Homem é Senhor do próprio sábado» (*Mc* 2, 28).

CIC 1005-1014, 1470, 1681-1683: viver e morrer em Cristo

1005 Para ressuscitar com Cristo, temos de morrer com Cristo, temos «de nos exilar do corpo para habitarmos junto do Senhor» (*2 Cor* 5, 8). Nesta «partida»¹⁷

⁸ Cf. *Mc* 2, 25-27; *Jo* 7, 22-24.

⁹ Cf. *Mt* 12, 5; *Nm* 28, 9.

¹⁰ Cf. *Lc* 13, 15-16; 14, 3-4.

¹¹ Cf. *Ex* 31, 16.

¹² Cf. *Ex* 23, 12.

¹³ Cf. *Ne* 13, 15-22; *2 Cr* 36, 21.

¹⁴ Cf. *Mc* 1, 21; *Jo* 9, 16.

¹⁵ Cf. *Mc* 3, 4.

¹⁶ Cf. *Mt* 12, 5; *Jo* 7, 23.

¹⁷ Cf. *Fl* 1, 23.

que é a morte, a alma é separada do corpo. Voltará a juntar-se-lhe no dia da ressurreição dos mortos¹⁸.

1006 «É em face da morte que o enigma da condição humana mais se adensa»¹⁹. Num certo sentido, a morte do corpo é natural; mas sabemos pela fé que a morte é, de facto, «salário do pecado» (*Rm 6, 23*)²⁰. E para aqueles que morrem na graça de Cristo, é uma participação na morte do Senhor, a fim de poder participar na sua ressurreição²¹.

1007 *A morte é o termo da vida terrena.* As nossas vidas são medidas pelo tempo no decurso do qual nós mudamos e envelhecemos. E como acontece com todos os seres vivos da terra, a morte surge como o fim normal da vida. Este aspecto da morte confere uma urgência às nossas vidas: a lembrança da nossa condição de mortais também serve para nos lembrar de que temos um tempo limitado para realizar a nossa vida:

«Lembra-te do teu Criador nos dias da mocidade [...], antes que o pó regresse à terra, donde veio, e o espírito volte para Deus que o concedeu» (*Ecl 12, 1.7*).

1008 *A morte é consequência do pecado.* Intérprete autêntico das afirmações da Sagrada Escritura²² e da Tradição, o Magistério da Igreja ensina que a morte entrou no mundo por causa do pecado do homem²³. Embora o homem possuísse uma natureza mortal, Deus destinava-o a não morrer. A morte foi, portanto, contrária aos desígnios de Deus Criador e entrou no mundo como consequência do pecado²⁴. «A morte corporal, de que o homem estaria isento se não tivesse pecado»²⁵, é, pois, «o último inimigo» (*1 Cor 15, 26*) do homem a ter de ser vencido.

1009 *A morte é transformada por Cristo.* Jesus, Filho de Deus, também sofreu a morte, própria da condição humana. Mas apesar da repugnância que sentiu perante ela²⁶, assumiu-a num acto de submissão total e livre à vontade do Pai. A obediência de Jesus transformou em bênção a maldição da morte²⁷.

1010 Graças a Cristo, a morte cristã tem um sentido positivo. «Para mim, viver é Cristo e morrer é lucro» (*Fl 1, 21*). «É digna de fé esta palavra: se tivermos morrido com Cristo, também com Ele viveremos» (*2 Tm 2, 11*). A novidade essencial da morte cristã está nisto: pelo Baptismo, o cristão já «morreu com Cristo» sacramentalmente para viver uma vida nova; se morremos na graça de Cristo, a morte física consome este «morrer com Cristo» e completa assim a nossa incorporação n'Ele, no seu acto redentor:

¹⁸ Cf. PAULO VI, *Sollemnis Professio fidei*, 28: AAS 60 (1968) 444.

¹⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 18: AAS 58 (1966) 1038.

²⁰ Cf. *Gn 2, 17*.

²¹ Cf. *Rm 6, 3-9; Fl 3, 10-11*.

²² Cf. *Gn 2, 17; 3, 3.19; Sb 1, 13; Rm 5, 12; 6, 23*.

²³ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decr. de peccato originali*, can 1: DS 1511.

²⁴ Cf. *Sb 2, 23-24*.

²⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 18: AAS 58 (1966) 1038.

²⁶ Cf. *Mc 14, 33-34; Heb 5, 7-8*.

²⁷ Cf. *Rm 5, 19-21*.

«É bom para mim morrer em (*eis*) Cristo Jesus, mais do que reinar dum extremo ao outro da terra. É a Ele que eu procuro, Ele que morreu por nós; é a Ele que eu quero, Ele que ressuscitou para nós. Estou prestes a nascer [...]. Deixai-me receber a luz pura; quando lá tiver chegado, serei um homem»²⁸.

1011 Na morte, Deus chama o homem a Si. É por isso que o cristão pode experimentar, em relação à morte, um desejo semelhante ao de São Paulo: «Desejaria partir e estar com Cristo» (*Fl* 1, 23). E pode transformar a sua própria morte num acto de obediência e amor para com o Pai, a exemplo de Cristo²⁹:

«O meu desejo terreno foi crucificado; [...] há em mim uma água viva que dentro de mim murmura e diz: “Vem para o Pai”»³⁰.

«Ansiosa por verte, desejo morrer»³¹.

«Eu não morro, entro na vida»³².

1012 A visão cristã da morte³³ é expressa de modo privilegiado na liturgia da Igreja:

«Para os que crêem em Vós, Senhor, a vida não acaba, apenas se transforma; e, desfeita a morada deste exílio terrestre, adquirimos no céu uma habitação eterna»³⁴.

1013 A morte é o fim da peregrinação terrena do homem, do tempo de graça e misericórdia que Deus lhe oferece para realizar a sua vida terrena segundo o plano divino e para decidir o seu destino último. Quando acabar «a nossa vida sobre a terra, que é só uma»³⁵, não voltaremos a outras vidas terrenas. «Os homens morrem um só vez» (*Heb* 9, 27). Não existe «reencarnação» depois da morte.

1014 A Igreja exorta-nos a prepararmo-nos para a hora da nossa morte («Duma morte repentina e imprevista, livrai-nos, Senhor»: antiga Ladainha dos Santos), a pedirmos à Mãe de Deus que rogue por nós «na hora da nossa morte» (Oração da Ave-Maria) e a confiarmos-nos a São José, padroeiro da boa morte:

«Em todos os teus actos, em todos os teus pensamentos, havias de te comportar como se deveses morrer hoje. Se tivesses boa consciência, não terias grande receio da morte. Mais vale acautelares-te do pecado do que fugir da morte. Se hoje não estás preparado, como o estarás amanhã?»³⁶.

«Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã a morte corporal, à qual nenhum homem vivo pode escapar. Ai daqueles que morrem em pecado mortal! Bem-aventurados os que ela encontrar a cumprir as tuas santíssimas vontades, porque a segunda morte não lhes fará mal»³⁷.

²⁸ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Romanos* 6, 1-2: SC 10bis, 114 (FUNK 1, 258-260).

²⁹ Cf. *Lc* 23, 46.

³⁰ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Romanos* 7, 2: SC 10bis, 116 (FUNK 1, 260).

³¹ SANTA TERESA DE JESUS, *Poesía, 7: Biblioteca Mística Carmelitana*, v. 6 (Burgos 1919) p. 86; [SANTA TERESA DE ÁVILA, *Seta de Fogo* (Lisboa, Assírio & Alvim 1989) p. 31].

³² SANTA TERESA DO MENINO JESUS, *Lettre* (9 de Junho de 1897): *Correspondence Générale*, v. 2 (Paris 1973) p. 1015 [SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Obras Completas* (Paço de Arcos, Edições do Carmelo 1996) p. 622].

³³ Cf. *1 Ts* 4, 13-14.

³⁴ *Prefácio dos Defuntos I: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 439 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 509].

³⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 54.

³⁶ *Imitação de Cristo* 1, 23, 5-8: ed. T. LUPO (Città del vaticano 1982) p. 70.

³⁷ SÃO FRANCISCO DE ASSIS, *Cântico das criaturas: Opuscula sancti Patris Francisci Assisiensis*, ed. C. ESSER (Grottaferrata 1978) p. 85-86 [Cf. *Fontes Franciscanas*, I (Braga, Editorial Franciscana, 1984) p. 78].

- 1470** Neste sacramento, o pecador, remetendo-se ao juízo misericordioso de Deus, de certo modo *antecipa o julgamento* a que será submetido no fim desta vida terrena. É aqui e agora, nesta vida, que nos é oferecida a opção entre a vida e a morte. Só pelo caminho da conversão é que podemos entrar no Reino de onde o pecado grave nos exclui³⁸. Convertendo-se a Cristo pela penitência e pela fé, o pecador passa da morte à vida «e não é sujeito a julgamento» (Jo 5, 24).
- 1681** O sentido cristão da morte é revelado à luz do *mistério pascal* da morte e ressurreição de Cristo, em quem pomos a nossa única esperança. O cristão que morre em Cristo Jesus «abandona este corpo para ir morar junto do Senhor»³⁹.
- 1682** O dia da morte inaugura para o cristão, no *termo da sua vida sacramental*, a consumação do seu novo nascimento começado no Baptismo, o definitivo «assemelhar-se à imagem do Filho», conferido pela unção do Espírito Santo e pela participação no banquete do Reino, antecipada na Eucaristia, ainda que algumas derradeiras purificações lhe sejam ainda necessárias, para poder vestir o traje nupcial.
- 1683** A Igreja que, como mãe, trouxe sacramentalmente no seu seio o cristão durante a sua peregrinação terrena, acompanha-o no termo da sua caminhada para o entregar «nas mãos do Pai». E oferece ao Pai, em Cristo, o filho da sua graça, e depõe na terra, na esperança, o gérmen do corpo que há-de ressuscitar na glória⁴⁰. Esta oblação é plenamente celebrada no sacrifício eucarístico, e as bênçãos que o precedem e o seguem são sacramentais.

³⁸ Cf. 1 Cor 5, 11; Gl 5, 19-21; Ap 22, 15.

³⁹ Cf. 2 Cor 5, 8.

⁴⁰ Cf. 1 Cor 15, 42-44.